

Sarney estimula nova candidatura

Presidente se anima com possível ameaça do empresário a Collor mas promete se manter neutro

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA — O presidente José Sarney gostou da idéia de criar um fato novo na sucessão e tentar impedir que o segundo turno seja disputado entre Fernando Collor de Mello (PRN), Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Sarney simpatiza com a candidatura de Sílvio Santos, porém, não fará nenhum gesto público para apoiá-lo. Pretende manter sua aparência de neutralidade na eleição, principalmente depois que foi revelada a participação de seu secretário particular, Augusto Marzagão, nas discussões para lançar o empresário pelo PFL.

A maior preocupação do presidente, segundo garantem alguns assessores, é Collor. Por várias razões: é o candidato que mais critica e acusa Sarney e seu governo, sem qualquer postura ideológica que justifique essa atitude — ou seja, ataca por oportunismo eleitoral. E esse oportunismo, aliado ao temperamento difícil de Collor, podem levá-lo a debitar a Sarney, no primeiro ano de governo, todas as culpas pelos problemas

que enfrentará. Então, poderá “bater” ainda mais forte no presidente.

Outra razão apontada para que Sarney não queira a eleição de Collor é a política maranhense. O candidato do PRN aliou-se, no Maranhão, a um dos principais adversários do presidente, o ex-governador e hoje senador João Castelo. Se Collor

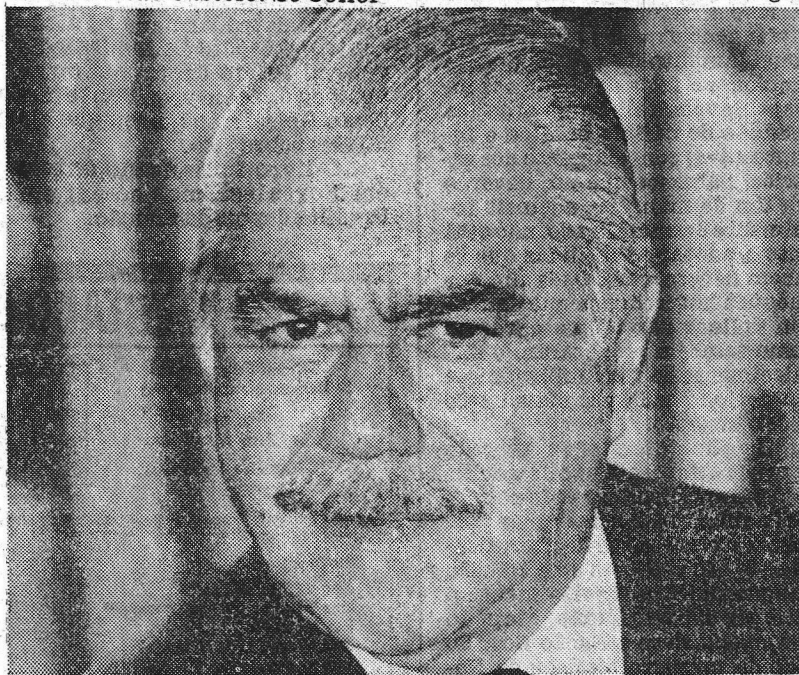
ganhar, Castelo se fortalecerá politicamente e será um adversário muito difícil na eleição para governador em 1990. O candidato de Sarney e de seu grupo é o deputado Sarney Filho, que tem revelado a amigos que seu voto poderá ser para Brizola.

Sílvio Santos deve tirar votos de todos os candidatos e ga-

nhar boa parte dos ainda indecisos, mas, na avaliação que é feita no Palácio do Planalto, o maior prejudicado será Collor e, em segundo lugar, Lula. Surgem aí, de acordo com as mesmas avaliações, duas alternativas: Sílvio Santos vai para o segundo turno ou com Brizola ou com Mário Covas (PSDB).

Se Sílvio Santos sair vitorioso da disputa, Sarney terá um sucessor com quem mantém boas relações e que, por temperamento, não atirará em seu governo nem atingirá sua pessoa. Covas não conta com muita simpatia no Planalto, mas é considerado um “mal menor” perto de outras alternativas. Brizola também não é bem-visto, mas, no raciocínio de auxiliares do presidente, “antes ele do que Collor”.

Embora insista em negar qualquer envolvimento na operação que resultou na candidatura de Sílvio Santos, Sarney foi o principal responsável pela novidade ao vetar, há três meses, um dispositivo da lei eleitoral que estabelecia 17 de agosto como data limite para filiação partidária. A lei, aprovada pelo Congresso, previa que nenhum candidato poderia mudar de partido depois desse prazo. Se o presidente tivesse mantido a proibição, Sílvio Santos estaria impedido hoje de trocar o PFL pelo PMB.



José Paulo/AE-20/6/89

Sarney: avaliação de que Collor será o mais prejudicado